

## Sujeitos autônomos ou autômatos?

Daniel de Moura Ribeiro<sup>1</sup>

Desde o início deste ensaio vale destacar o quanto as reflexões e as discussões proporcionadas pela disciplina de Psicologia Escolar I ao longo do primeiro semestre de 2021 foram ricas e inquietantes para mim. O tema da educação sempre mexeu comigo, pois acredito que a educação é a tecnologia de produzir gente. Volta e meia ligamos a televisão ou acessamos nossas redes sociais e nos deparamos com todo tipo de gente defendendo que a educação é muito importante para o desenvolvimento dos sujeitos e das nações. Trata-se de um ponto de vista com o qual concordo, pois desde que comecei a estudar de maneira mais séria, minha vida não é mais a mesma. Considero que mudou para melhor.

Logo no início dos nossos estudos sobre educação a professora nos apresentou um autor ousado e inquietante: Ivan Illich. Suas discussões sobre o que chamou de iatrogênese foram surpreendentes, pois com base neste conceito o autor afirmou que sistemas como o da saúde e o escolar estão alcançando o contrário do que se propuseram alcançar, ou seja, em vez de a saúde melhorar a condição dos doentes, estaria piorando. Ao refletir sobre a educação escolar, declara: “(...) é o (...) ensino [escolarizado] que impede as crianças de expandirem sua curiosidade, sua coragem intelectual e sua sensibilidade; o volume sufocante das informações ocasiona a confusão e a superficialidade” (Illich, 1975, p. 30). A última parte da afirmação do autor me recordou a ideia de que o aprendizado e a verdadeira formação são sinônimos de acúmulo de conhecimento, o que não é verdade.

Além de Illich, entrei em contato também com Kelly (2012), Souza (2017), a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (1987), Mundim (2017) e Silva (2003). Vale destacar que as profundas reflexões destes autores me ajudaram a conhecer mais a fundo a realidade da educação escolar brasileira e me inquietaram bastante. Foi especialmente do trabalho de Freire e Mundim que extrai a questão norteadora deste ensaio: sujeitos autônomos ou autômatos?

---

<sup>1</sup> Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília/UniCEUB. Texto produzido na disciplina CAI Escolar I, sob orientação da Profa. Ingrid Lilian Fuhr.. Especialista em Logoterapia, Psicologia Positiva e Neurociência, atuante na área clínica,.

Ao refletir sobre o Humanismo em um dos capítulos de sua tese, Mundim (2017) afirma que vários acontecimentos inumanos do século XX podem ter tido relação direta com a visão de mundo e de ser humano que seus protagonistas tiveram. A título de exemplo, citemos o nazismo. Pode-se afirmar que Hitler via os judeus como qualquer coisa, menos como seres humanos, autônomos. Outro exemplo histórico perturbador foi o fenômeno da escravidão. Homens negros e mulheres negras foram escravizados porque não eram vistos como seres humanos, mas como bichos. Nesse sentido, Freire (1987) fará primeiro uma belíssima reflexão sobre o que é o ser humano para depois pensá-lo no contexto da educação escolar brasileira.

Segundo Freire (1987), o ser humano possui a vocação ontológica e histórica de Ser Mais. Para ele, somos seres inconclusos, inacabados e é justamente isso que nos põe em movimento permanente em busca de sermos mais, aprendermos mais, conhecermos mais. Ao pesquisar e refletir sobre a práxis da educação escolar brasileira, ele constata que ela está conduzindo os sujeitos ao Ser Menos, o que, para ele (e para nós), é inaceitável. De que modo isto estaria acontecendo? Por meio de um modelo denominado de educação bancária. Para Freire, a educação bancária concebe o ser humano como um receptáculo, ou seja, um objeto inanimado e inerte. Assim, a função do educador seria apenas depositar conteúdo nesses receptáculos.

O que isso significa? Que as faculdades intelectivas e afetivas desses alunos são ignoradas pela educação bancária. Sujeitos autônomos são tratados como autômatos. Vale destacar que autômatos são máquinas que, entre outras coisas, podem simular um ser humano. Tratar alunos e alunas como autômatos significa desconsiderar que eles/elas são seres pensantes, capazes de refletir criticamente, que podem transformar a si mesmos e o mundo ao seu redor. Máquinas são artefatos desprovidos de inteligência, não podem questionar sua própria programação. Elas executarão exatamente o que seu programador quiser que elas executem. Assim, sujeitos autônomos tratados como autômatos podem ser facilmente doutrinados. Tidos como seres da adaptação e não da transformação, serão programados para viver, pensar, sentir e agir exatamente do jeitinho que prescreve o modelo bancário de educação.

Ao realizar uma pesquisa de campo numa escola para alunos ditos “especiais” do Distrito Federal, Kelly (2012) constata que seus alunos, sujeitos autônomos, eram tratados como autômatos. As salas especiais os isolavam do contato com outros alunos; havia um processo sutil e gradual de sua invisibilização; a escola funcionava

padronizando seus comportamentos: educados para se adaptar e não para desenvolver autonomia, etc. Em relação à padronização e adaptação, Souza (2017) chama a atenção para o caráter propedêutico da educação básica, cuja função tem sido a de adestrar os sujeitos para exames de ingresso no ensino superior, como o vestibular. Segundo o autor, “(...) nos configuramos historicamente como incapazes de pensar a educação básica como uma etapa de vida da criança e do jovem, uma etapa de experimentação e descoberta. Só conseguimos entender a educação básica como preparação para exames” (Souza, 2017, p. 78).

Ao refletir sobre a situação da educação escolar brasileira, Silva (2003) assevera que “a escola deixou de ser o tempo da socialização, do aprender, do dividir, do construir afetos, desejos, sonhos, valores e alegria para ser o templo do mercado. A lei selvagem que ronda a educação exige formação rápida para o fazer e executar, atendendo um mercado insaciável” (Silva, 2003, p. 298). Silva foi muito certa, pois não tem como dissociar a instituição escolar do que está acontecendo no contexto macro. Estamos, de fato, vivendo em uma sociedade economicista, judicializada, cientificista, medicalizada e escolarizada.

Não há dúvida de que esse cenário é preocupante. Parece não haver esperança. Entretanto, Freire (1987) propõe que a formatação da educação bancária seja substituída pela educação problematizadora, cuja proposta considera os alunos como sujeitos autônomos e não como autômatos; uma educação em que “(...) o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos (...)” (Freire, 1987, p. 24). Trata-se de pensar e conceber o ser humano, o mundo e a educação de uma maneira completamente diferente da hegemônica. Ao contrário de uma sociedade opressora e totalitária, uma sociedade democrática requer que as relações entre as pessoas sejam menos verticais e mais horizontais; que haja mais inclusão, tolerância e amor de uns para com os outros.

Silva (2003, p. 284) diz estar cansada de “(...) regras definidas fora da escola, com a finalidade de alterar sua própria dinâmica, sem que o conjunto de professores tenham a oportunidade de discuti-las primeiramente”. A educação precisa ser co-construção e não imposição. Triste exemplo de educação mercadológica e impositiva foi a demissão, em 2021, da coordenadora do curso de Psicologia do UniCEUB. A instituição não aceitou que ela se opusesse à sua proposta de reformulação do curso,

com diminuição das aulas presenciais e aumento de horas à distância. De acordo com essa nova proposta, o curso de psicologia teria prejuízos claros, sobretudo no aspecto da relação entre as pessoas. Os argumentos da coordenadora do curso não foram aceitos e, ao que parece, os interesses mercadológicos falaram mais alto. Nesse caso, não se levou em consideração a importância, para o curso de psicologia, a presença real e das relações entre os sujeitos. Importa mais o tipo de educação que mais vai gerar lucro.

Na contramão destas práticas, Mundim (2017) defende que precisamos combater toda educação que seja anti-humanista. Precisamos reconstruir nossa visão de ser humano: homens, mulheres, professores e alunos não são autômatos, instrumentos ou meio, mas seres que podem transformar a si mesmos e o mundo que os cerca para melhor. Sujeitos autônomos, livres, com um valor em si, um valor absoluto. Lutemos por uma educação escolar que seja o tempo da socialização, do aprender, do dividir, do construir afetos, desejos, sonhos, valores e alegria.

## Referências

- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- ILLICH, I. **Expropriação da Saúde: Nêmesis da Medicina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- KELLY, B. O. **A Mágica da Exclusão: Sujeitos Invisíveis em Salas Especiais**. (Dissertação de Mestrado) – Universidade de Brasília, 2012.
- MUNDIM, J. F. **A crise da educação contemporânea e a escola: o que paira sobre o chão que pisamos?**. (Tese de Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, 2017.
- SILVA, M. A. Do projeto político do Banco Mundial ao projeto político-pedagógico da escola pública brasileira. **Cadernos. Cedes**, Campinas, v. 23, n.61, p.283-301, 2003.
- SOUZA, J. M. E. **Escola! Cuidado crianças: o cotidiano escolar e as (im)possibilidades de educação libertadora**. (Tese de Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, 2017.